

Navegando sobre as práticas com brinquedos

Flávio Nunes dos Santos Júnior

Este relato traz as marcas de um trabalho coletivo com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental I, desenvolvido na EMEF Maria Rita de Cássia Piniheiro Simões Braga, uma escola localizada na Zona Sul da cidade de São Paulo, no distrito do Capão Redondo.

A escolha do tema “As brincadeiras infantis produzidas a partir de brinquedos” se deu através da atividade de mapeamento inicial, estruturada por uma conversa com a docente regente da turma e com os/as estudantes. A professora alegou interesse na realização semanal do Dia do Brinquedo, no qual a turma poderia levar o brinquedo que quisesse em dia agendado por ela. Por sua vez, as crianças afirmaram usar os brinquedos constantemente em suas brincadeiras.

Assim, sensível ao diálogo com as produções culturais das crianças, fiquei tentado a identificar os brinquedos que acessam em seus lares ou noutros lugares: “Com quais brinquedos vocês brincam?”; “Patinete”; “Bicicleta”; “Patins”; “Boneco”; “Quais bonecos?”; “Max Steel”; “Hulk”; “Homem de Ferro”; “Homem-Aranha”; “Homem Formiga”; “Flash”; “Lanterna Verde”; “Capitão América”; “Superman” “Arqueiro Verde”; “Batman”; “Cat Noir”; “Shrek”; “Professor, boneca”; “Quais bonecas?”; “Baby Alive”; “Barbie”; “Little Mommy”; “Boneca da Disney”; “Little Bug”; “Bebê Reborn”; “Poli”; “Mariloponey”; “Princesinha Sofia”; “Frozen”; “Juli”; “Ana Beli”; “O que mais vocês têm?”; “Carrinho de corrida”; “Carrinho de controle remoto”; “Moto”; “Panelinha”; “Fogãozinho”; “Casinha”; “Salão de beleza”; “Manequim de fazer penteado”; “Arminha”.

Essas informações deram força para propulsionar a embarcação chamada currículo, sob as águas turvas e agitadas da escola moderna, que se

chocam sem parar com as águas cristalinas do patrimônio cultural da comunidade, formando um grande turbilhão. Pois é nesta última que os(as) estudantes se alimentam, reidratam-se e banham-se e, muitas vezes, são desprezados(as), desconsiderados(as), rejeitados(as) pelas práticas educacionais. Assim, foi nela que presenciamos e buscamos o oxigênio nutritivo do trabalho pedagógico.

Nesse sentido, reconhecendo o patrimônio cultural da comunidade, a grande navegação almejou uma viagem sem fim prévio, sem saber o que encontraria no dia seguinte, municinando-me das problematizações daquilo que parecia natural sobre as brincadeiras com brinquedos e, até mesmo, dos objetos que envolvem as crianças, na esperança de consolidar um conhecimento mais aprofundado sobre ambos.

Após identificar quais brinquedos eram acessados, bem como quais objetos eram considerados como brinquedos pelas crianças, iniciamos as produções das brincadeiras a partir dos materiais disponíveis na sala de Educação Física: corda, bola, raquete e bolinha de tênis. Neste primeiro momento, embarcaram na viagem o futebol, as bolinhas de tênis e a corda. Perguntei aos navegantes: “O que vocês estão jogando?”; “Futebol, professor, o time é eu e o Silvis, e o Mathis é o goleiro”. No outro lado da quadra se viam bolinhas sendo rebatidas bem alto: “Quem pegar bate”; “Professor, bate corda aqui”; “Bora”; “Suco gelado, cabelo arrepiado, qual é a letra do seu namorado? A, B, C...”. Essa experiência com a corda, de acordo com os/as participantes, veio das práticas produzidas na EMEI direcionadas pela professora. Seu envolvimento era recorrente, ao que parecia, em virtude da dificuldade das crianças de fazer a batida: “Agora vocês batem”; “Roda o braço, Sofis”; “Assim?”; “Isso!”.

Como a água que bate e escorre pelo casco da embarcação constantemente, assim é a transição de produções de brincadeiras dentro da mesma aula. Num dado momento, a criança se envolve com a corda. Quando diminui a vontade, parte para a bola. Agora, enjoada da bola, retorna à primeira ou segue para outra.

Nesse vai e vem, entra e sai, observei de longe um grupo de meninas colocando a bola por dentro da camisa, inúmeros pensamentos vieram à mente. No caminho em direção a elas, vi-me impulsionado a reprimilas, pois a bola, de acordo com a nossa formação acadêmica inicial, fora

produzida para chutar, arremessar, bater, enfim, jogar; mas, ao chegar junto ao grupo, resolvi questioná-las: “Meninas, o que vocês estão fazendo com a bola?”; “Não sei”; “Fala aí!”; “Estamos brincando de grávida”; “Do quê?”; “De grávida, professor”; “Ah, tá”.

Esse acontecimento surgiu como uma onda gigante que balança, agita, sacode o barco, mas não o vira. Mexeu demais com o tripulante mais vívido, bagunçou suas ideias, sentidos, provocou um choque, um abalo, uma contravenção, uma subversão. Perguntas não faltaram no imaginário para entender o momento: “Como pode essas meninas brincarem de grávida?”; “De onde tiraram essa brincadeira?”; “Será que vão perguntar como faz para engravidar?”.

Analisando as vivências do dia anterior, começamos: “Bris, o que vocês fizeram na aula anterior?”; “Jogamos futebol”; “E vocês, Manis?”; “Pulei corda”; “Saris, explica aos colegas o que você produziu com os brinquedos”; “Eu?”; “Sim!”; “Ah, não”; “Está com vergonha?”; “A gente brincou de grávida com a bola”; “Como?”; “Colocava em baixo da blusa”. Essa fuga causou incômodo não só em mim mas também nas envolvidas. O receio de ser condenada ou julgada veio sorrateiramente, entretanto, ninguém esboçou movimento ou riso algum. Perceberam que romperam com os ditames de alguns setores sociais, que não cabe aqui destacar, mas vale mencionar que possuem muita força sobre as condutas das crianças, jovens e adultos.

Seguindo a viagem, sopraram os ventos a respeito da compreensão dos intermediários desses encontros entre sujeitos e objetos, que atuam como uma espécie de cupido, tentando romantizar com suas tecnologias mais sofisticadas a relação criança-brinquedo: “Onde vocês descobrem os brinquedos?”; “Como assim?”; “Por onde vocês descobrem que existem determinadas bonecas?”; “Pelos desenhos”; “Pelos comerciais da TV”; “Pelos filmes”; “Pelos amigos”; “*Shopping*”; “Internet”; “Pelas amigas”; “Pela mãe”; “Pelo pai”; “Pela tia”; “Pelo tio”.

Nesses apontamentos, podemos supor o quão influenciadas são as crianças e os adultos pelas imposições e determinações do mercado e das mídias, que constantemente dizem o que tem de ser feito com tais objetos. Diante dessa arbitrariedade, esperamos determinadas coisas com o uso do material, por exemplo, que se golpeie a bola com as mãos ou com

os pés. Contudo, numa criatividade surpreendente, tudo é ressignificado em meio a situações de total desalinho, que num primeiro momento nos conduzem a tecer falsas moralizações sem ao menos procurar entender o imaginário, a fantasia que perpassa a relação da criança com o brinquedo.

Seguindo a rota marítima nos engajamos num processo de arrecadação de brinquedos junto aos estudantes, pessoas conhecidas, membros da unidade, pois, em virtude dos cortes nos repasses de verba às escolas da rede municipal, a unidade teve de escolher prioridades para uso do orçamento e, infelizmente, os brinquedos ficaram fora da lista.

Atravessados pelos ventos do currículo cultural, o mapeamento novamente assoprou a vela da embarcação. Desta vez, foram disponibilizados mais materiais: *skate*, colchonete, pebolim, bola, corda, raquete e bolinhas.

Neste novo dia, vieram as disputas: “Professor, eles não deixam eu jogar”; “Weslis, por que ele não joga?”; “Ficam dois de cada lado, ele tem que esperar!”; “Aí, agora é ele”; “Professor, olha o que eu tô fazendo”; “O que é isso?”; “Ginástica”; “Quem te ensinou?”; “Foi a Camili”; “Camili, quem te ensinou isso?”; “Eu aprendi sozinha, estou ensinando as meninas”. O uso do colchonete serviu para execução de uma técnica conhecida como “ponte”, no universo da ginástica, porém as meninas não sabiam seu nome, conseguiam apenas realizá-la. Nos primeiros instantes de contato com o *skate*, logo posicionei em pé uma estudante segurando-a pelo braço, assim, aproximaram-se outras para desfrutar da mesma experiência, até que uma delas ficou com medo: “Assim eu não quero!”; “Tá, e como você quer?”; “Pode ser sentada”; “Então tá bom”; “Empurra aí, meninas!”; “Cuidado com a mão!”. Após algumas tentativas, a corda apareceu com outra função: “O que vocês estão fazendo agora?”; “A Nicolis puxa a gente pela corda”; “Agora é minha vez”; “É uma de cada vez?”; “É!”; “E a Isis, já foi?”; “Não, ela tem medo”. Novamente, as fronteiras foram redimensionadas, aquilo que faz parte da ginástica se torna brincadeira, uma paisagem transgressora, pois soa aos cantos, principalmente nas formações docentes, a ginástica de forma utilitária, no máximo, como um esporte.

Nessa mesma flutuação seguiu o uso da corda, que se estendeu a outra finalidade, deixando de ser somente para pular e bater, e recebeu um novo significado. No balanço das águas, a agitação toma conta e embarca a viagem. Expostos à imagem das bonecas pertencente ao universo das

crianças, suscitou alguns alvoroços: “Como é a maioria das bonecas?”; “Quem elas lembram?”; “Ah, parece um bebê”; “Eu tenho a Baby Alive”; “Como ela é?”; “Ela parece um bebê, come e faz cocô”; “Ah, como assim?”; “É comida de verdade?”; “Não, é uma massinha”; “Tem a Annabelle, ela é assustadora, tem uma faca, uma cicatriz no rosto, é ruiva”; “Tem o Chuck também”; “A risada dele é maligna, ele tem faca, uma cicatriz no rosto”; “Como é uma risada maligna?”; “É assim, ó”. As imagens de Annabelle e Chuck foram postas na tela, de imediato alguns deram gritos, outros riram em virtude do barulho: “Por que tanto medo?”; “Eles são maldosos”; “Pensando que os bonecos representam as pessoas, gente que tem cicatriz no rosto é assustadora?”; “Não tem nada a ver”.

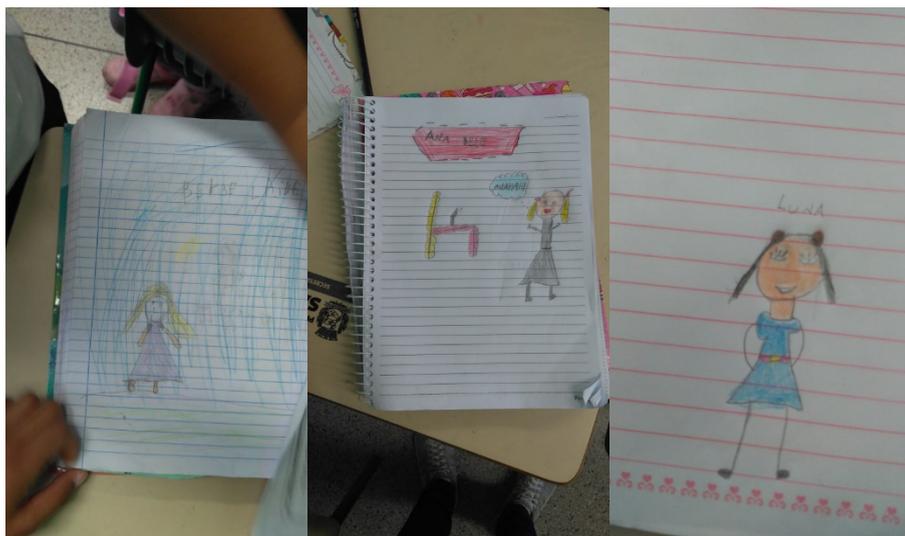
O raso mergulho descritivo da boneca disparou outros questionamentos: “Existem bonecas que se assemelham a bebês meninos?”; “Não sei”; “As minhas parecem com meninas”; “Tem as Bebês Reborn”; “O que são?”; “Elas parecem bebê de verdade”; “Existem bonecas negras?”; “Existe sim, eu tenho uma”; “Mas a maioria é branca”; “É, isso é”; “Professor, existe boneca japonesa?”; “Pesquisa aí, professor”; “Não sei, vamos ver”; “Essas bonecas parecem com as que vocês têm em casa?”; “Não tem nada a ver”; “Será que parecem com os japoneses?”; “Parecem”.

Em meio a essas problematizações dos marcadores de gênero e etnia colados nas bonecas, criou-se a esperança em desnudar algo que parece ser tão natural no meio desses objetos. A não presença ou pouca presença de certas pessoas na representatividade desses objetos muitas vezes passa despercebida. A expressão de um dos alunos corrobora essa ideia: “É mesmo, né? Tem pouca boneca negra.”; “Eu não conheço boneca menino”. Essa paisagem precisa mais do que nunca sofrer alguns questionamentos no sentido de identificar e desmontar algo que aparentemente se apresenta como normal nas práticas sociais das crianças. Essa naturalização dos produtos infantis pode, em certa medida, tornar as relações entre as pessoas cada vez mais conflituosas, provocando um fortalecimento do não reconhecimento da multiplicidade de sujeitos e grupos presentes na sociedade.

Esse debate deixou no final a pergunta “Por que isso existe?”, um questionamento mais do que válido, passível de diversas respostas, apontamentos; porém, deixou-se para que cada um realizasse sua consideração. Dessa forma, entre tantas possibilidades de leitura, mareamos em meio a

EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL

tantas interrogações, despertando uma atenção até então ainda não vista pelas(os) estudantes no ambiente educacional a respeito dos brinquedos utilizados quase diariamente. Tal análise foi agraciada pela interpretação dos próprios registros produzidos pelos(as) estudantes a partir do que tinham em casa ou visto nas imagens postas.



Atravessando as correntezas marítimas das surpresas infantis, a arrecadação de brinquedos seguiu insistentemente. Quando obtivemos a quantidade adequada, nós os disponibilizamos para a realização de brincadeiras.



A retirada dos brinquedos das caixas trouxe uma tempestade de encontros. A embarcação navegou com vários abalos, instabilidade total, não foram poucas as produções com os objetos. Cada criança conectada às suas imaginações. Milenis pegou os bonecos e os fez de bola, chutava para todos os lados. Paulis tomou conta do dinossauro e do avião: “O que você está fazendo, Paulis?”; “Brincando de pré-história, o avião viaja até lá para pousar no passado”; “Como você sabe que o dinossauro é da pré-história?”; “Eu vi no desenho”.

Alguns materiais eram novidade para os viajantes da jornada, que, ao tomarem contato com o que foi arrecadado, ampliaram seu repertório sobre os brinquedos: “Que brinquedo é esse?”; “É bola que pula”; “E tem de usar esses equipamentos aí?”; “Sim, é para proteger”. Numa conversa com a doadora²⁴ dos brinquedos, a surpresa também não foi pequena: é um Pogobol. Ela viu que as crianças produziram suas práticas desviando artefatos de outro brinquedo, pois os equipamentos de proteção eram pertencentes aos patins e não ao que estava em uso.



Criança subindo no Pogobol com ajuda.

A produção com bonecas, da mesma forma, causou um turbilhão, meninos e meninas se entrecruzaram, banharam as brincadeiras com suas invenções: “Enfermeira”; “Hã?”; “Estamos brincando de enfermeira”; “A Julis leva a Manis no médico, ela tá passando mal”; “O que mais vocês estão fazendo?”; “Mamãe e filhinha”; “E como é?”; “Só tem menina?”; “Não, o Agnaldi e o Gabrieli entraram na brincadeira”; “O que eles fizeram?”; “O Gabrieli fez comida e passou roupa, o Agnaldi só fez comida”.



“Olha”; “O quê?”; “A florzinha”; “É o nome dela?”; “Sim”; “De onde você a conhece?”; “Do Cartoon Network”; “Paulis, você brinca de boneca?”; “Sim, eu brinco, brinco com meu irmão”; “E você gosta da Florzinha?”; “Gosto, ela é das Meninas Superpoderosas”.



“Meninas, o que vocês estão fazendo?”; “Piquenique”; “E como é?”; “Ela é mãe, ela é filha, ela é mãe da mãe”; “E não tem pai?”; “Tem, é o Gabrielis”; “Gente, o que é isso, não vai quebrar o bambolê?”; “É o trem”; “Trem?”; “A gente coloca o bambolê em quem tá na frente e segura, aí a

pessoa corre puxando”. Com outro grupo, entrou em voga a brincadeira de mamãe e filhinha: “O que vocês estão fazendo, meninas?”; “Mamãe e filhinha”; “E como é?”; “A Julis é bebê e bagunça muito”; “E quantos anos ela tem?”; “Ela tem dois anos”; “Quem mais?”; “Tem a Belis, ela é calminha, chora muito para comer e brincar”; “Eu bati com a varinha mágica na cabeça e fui levada ao médico pela Luana”; “Ela era o que sua?”; “Era minha mãe”.

Diante de tantas construções, fluxos, agenciamentos e trânsitos, a viagem segue longe de uma rota *a priori*. A brincadeira de casinha ganhou outras possibilidades: “Meninas, o que vocês estão fazendo?”; “A Laris é minha vizinha”; “Na minha casa tem boneca, panelinha para fazer comida”; “Coloquei um teto e instalei uma TV na minha casa”; “Coloquei um telefone para falar com a Laris”.

Começando a aula, Yorrannis me procurou para falar algo que acontecera em sua casa: “Professor, menina pode brincar de carrinho?”; “Por quê?”; “Eu estava brincando com meu primo em casa, daí ele disse que menina não pode brincar de carrinho”; “Eita”; “Pessoal, menina pode brincar de carrinho?”; “Sim, pode”; “Eu vi uma mulher na rua dirigindo, então pode”; “Minha mãe dirige”.

Essa discussão, surgida inesperadamente, desbancou outra estrutura discursiva que posiciona a mulher numa situação socialmente desfavorável, que impregna as brincadeiras infantis com tanta naturalidade, marcando negativamente quem decide subvertê-la, pois aquela que se arrisca a fazer parte de tal território recebe nomes nada agradáveis.

Esse enfrentamento aos discursos que normatizam as brincadeiras também passou pelas práticas com bola, servindo para derreter ideias excludentes, que deixam determinadas pessoas em condição de destaque, ao passo que desconsideram a produção de outras: “Professor, eles não deixam eu jogar”; “Vamos lá”; “Meninos, a Manis quer jogar”; “Ela não sabe”; “Sei sim, eu jogo com meu tio”. No final da aula dialogamos sobre a vivência: “E como foi o jogo?”; “Eu defendi umas 32 vezes”; “Deslizei para derrubar o Brayannis e pegar a bola”; “Defendi o chute da Manis”; “É verdade”; “Eu dei vários olezinhos”; “Elas conseguiram jogar?”; “Sim”.

O conflito banhou também a relação entre aqueles com experiências diferentes no tratamento com a bola: “O que vocês estão jogando?”; “Fu-

tebol”; “Eles roubam”; “Por quê?”; “Eles pegam com a mão”; “E não pode pegar com a mão?”; “Não”; “Então fala para ele não pegar”; “Professor, o Brayanis não deixa eu jogar”; “Por quê, Brayanis?”; “Ele faz gol contra”; “Mostra para ele onde tem de fazer gol”; “Tá bom, a gente faz gol ali”.

Mesmo com tanto brinquedo disponível, algumas criações sem materiais tomaram conta da aventura, atravessaram as práticas sem pedir licença. Quando disponibilizei os brinquedos, cheguei a pensar que todas as crianças se envolveriam. Porém, de maneira arisca, algumas fugiram para outros lugares, nos deixando com mais dúvidas: “Meninas, o que vocês estão fazendo?”; “Brincando de top3”; “Top3, o que é isso?”; “É da Chiquititas”; “São três meninas, elas controlam os lugares, vê se está limpo”; “O que mais elas fazem?”; “Vê se está organizado”; “Elas não gostam de sujeira”; “Não gostam de bagunça”; “Fazem dieta para não engordar”; “Nossa, elas fazem tudo isso?”; “Fazem”; “E vocês, fazem dieta?”; “Eu, não”; “Vocês acham que a pessoa pode ser gorda?”; “Pode, olha a Liris”; “Não tem problema”.

Numa outra data, momento de disponibilidade apenas de bonecas e tatames, o inesperado novamente floresceu. Os tatames, inicialmente separados para forrarem o chão, ganharam outro contraste, viraram casinhas: “Professor, os meninos estão derrubando a nossa casinha”; “O que tem na casinha?”; “Não tem nada”; “Então bota as bonecas aí”. Os meninos persistiram em participar da brincadeira de casinha, assumindo o papel de derrubar o que se construía à medida que se jogavam sobre os tatames, aglomerando-se com quem estava no interior. Nessa movimentação, pegavam as bonecas para jogar um no outro.



Circulando por outros ambientes da escola, a fim de produzir outras possibilidades de brincar, permanecemos na sala de aula. Empurradas as carteiras e cadeiras para o canto, disponibilizaram-se apenas brinquedos com os quais as meninas tiveram maior afinidade, poucos meninos se arriscaram com o que foi oferecido, a maioria caçou na caixa algo que não tivesse relação alguma com elas ou ficou sem brinquedo, correndo pela sala, subindo e descendo das mesas: “Weslis, pega a boneca”; “Eca, eu não, não gosto”; “Você acha que menino pode brincar de boneca?”; “Podê”; “E por que você não brinca?”; “Porque eu não gosto”; “Sofis, do que você está brincando?”; “Brincando de mercado”; “E vocês aqui, o que vocês estão fazendo?”; “Mamãe e filhinha”; “E tem de fazer o quê?”; “Pegar as bonecas e dar comida”; “Gente, os meninos podem brincar com bonecas?”; “Os meninos não sabem brincar, eles batem nas bonecas”; “Eles quebram”; “Meninos, é possível brincar sem quebrar?”; “Sim”; “Paulis e Pedris brincaram e não quebraram”; “Pedris, o que vocês faziam com as bonecas?”; “A gente fazia comidinha e organizava as bonecas”.

A visão ficou comprometida, embaralhou a paisagem outra vez. Aquilo que planejei não se concretizou, a produção das brincadeiras com bonecas por parte dos meninos ficou guardada no porão da embarcação, não se projetou conforme o esperado. Sua desenvoltura se fez com maior destaque quando houve a distribuição de todos os brinquedos, a interação entre meninos e meninas se esparramou pelo espaço, abrilhantando o inesperado, transcendendo a imaginação de todos.

Observando as recorrentes situações dessa brincadeira, discutimos sobre as condições de moradia e alimentação na sociedade. “Gente, todo mundo tem casa para morar?”; “Não, tem gente que mora na rua”; “Será que todos têm comida?”; “Não, tem gente que precisa de ajuda”; “Por que será que essas coisas acontecem?”; “Porque elas não têm trabalho”.

Neste mesmo mergulho social, flutuamos sobre a saúde na comunidade. A entrada no assunto foi permitida em virtude das recorrentes aparições dos personagens de médico e enfermeira: “Meninas, vocês estão fazendo o quê?”; “Brincando de médica”; “Como é isso?”; “A gente vê se as bonecas estão doentes”; “Quem aqui já foi ao médico?”; “Eu”; “Existe algum hospital na nossa comunidade?”; “Não existe”; “Existe”; “Não, não tem, professor”.



Além do tema turbulento para o povo da região, também imergimos na seara da segurança pública. A análise foi proporcionada após a explanação de uma das brincadeiras desenvolvidas com as bonecas: “A Julis era muda, foi sequestrada por um homem quando fugiu de casa”; “Nossa!”; “Daí, quando foi tentar fugir do ladrão, caiu no mar”; “Eita”; “Ela passou mal e foi ao médico”; “Quanta coisa, hein?”; “Por que será que as pessoas sequestram?”; “Sequestram para ganhar dinheiro”; “Sequestram para ganhar celular”; “Daí a polícia prende o ladrão”; “Quem é o tipo de pessoa que é sequestrada?”; “Sei lá”; “Quem tem dinheiro”.

Ainda nessa questão, mareamos as ações policiais, porém, a partir de outro disparador, a brincadeira de Naruto: “Guis, do que você estava brincando?”; “De Naruto”; “Como era?”; “A gente fez a batalha shuriken e a batalha jutsu”; “E como era isso?”; “Tinha o bem e tinha o mal”; “O Ezis era do bem e tinha de pegar quem era do mal, quem fosse pego vivava do bem e tinha que ajudar a pegar”; “Tipo polícia e ladrão”; “Nessa relação polícia e ladrão, quem é do bem e quem é do mal?”; “Ah, a polícia é do bem e o ladrão é do mal”; “Será que todas as coisas que a polícia faz são do bem?”; “A polícia é a lei” (fala discente). “Às vezes, ela prende achando que uma pessoa é ladrão”; “E quando mata alguém, é ser do bem?”; “Não”; “A polícia já me parou saindo da escola” (fala docente). “A polícia parou dois caras na minha rua, apontou arma para eles”; “Isso é ser do bem?”; “Não”.

Contudo, não podemos deixar de mencionar que este trabalho só foi possível graças às discussões tecidas com os(as) companheiros(as) do GPEF. Os primeiros embates foram suscitados graças a dois textos. Um deles é *Educação física cultural: carta de navegação*.²⁵ Nele, o autor oferece ao professor que busca colocar em prática o currículo cultural elementos que orientam a organização e o desenvolvimento das ações pedagógicas. A maré também nos levou ao texto *Educação Física na área de linguagem*, um documento que traz a produção de alguns significados associados à inserção do componente na área das Linguagens, tentando abarcar possibilidades que estreitam essa relação, além de potencializar formas de fazer o currículo cultural de Educação Física.²⁶

Além desses dois recursos, tivemos também *A escrita-curriculo da perspectiva cultural da Educação Física: por que fazemos o que fazemos?* Tomando como referência as contribuições filosóficas deleuze-guattariana, o autor faz uma breve análise das forças que influenciam a prática curricular de quem busca desenvolver a Educação Física cultural nas escolas. Em *Educação Física cultural: navegando pelos territórios-mares da tematização e da problematização*, o autor agita as águas armazenadas nos poços da tematização e da problematização, conceitos caros do currículo cultural, referenciando-se em Deleuze e Guattari, Derrida e Foucault. Por último, não menos importante, *O registro e a avaliação no currículo cultural de Educação Física: reorganizando a rota ao navegar por novos ‘mares’* discorre

sobre as orientações possíveis que professores e professoras podem produzir em suas práticas pedagógicas com base nas informações advindas dos estudantes, mediante as situações geradas pelas problematizações e tematizações, sinais localizados nos registros confeccionados nas aulas.

Por ora, as experiências desenvolvidas e proporcionadas nessa grande navegação aqui encarada como currículo passaram por várias agitações, incertezas, fluxos. Viajamos (crianças e eu) por mares intempestivos, seguindo uma rota incalculável e sem fim prévio, reorientada a cada dia da viagem, impulsionada pelos princípios e elementos didáticos do currículo cultural, bem como pelas belíssimas conversas com companheiros(as) de luta por uma educação e uma sociedade mais justas e democráticas.